

SITUAÇÃO DOS CEREAIS

Eng.º Agr.º ARLINDO BORBA OLIVEIRA

FEIJÃO

O mercado de feijão na capital paulista esteve em crise este ano pelas causas já apontadas em comentário anterior⁽¹⁾ para a qual muito concorreu o tabelamento antitécnico estabelecido pela COAP em 24/1/1962 e mantido intransigentemente até agora. Impossibilitado de enquadrar-se no mesmo — vez que realmente ocorreu grande quebra nas safras em tôdas as zonas produtoras que influenciavam o nosso mercado, Paraná, Goiás e Minas Gerais — o produto foi comercializado no “câmbio negro”, o que determinou alcançasse preços que não seriam atingidos, caso fôsse livre a comercialização. Os intermediários que fizeram e continuam fazendo tal comércio, só trabalham à custa de maiores margens de lucro pelos “riscos” que correm e pelo maior custo de comercialização, resultando no preço exagerado que o consumidor paga ao adquirir o produto.

Devido a atual situação de controle de preços não se dispõe de dados sobre a evolução dos preços vigentes no mercado da Capital. No quadro I, observamos os reflexos nos preços do interior (mercado do produtor); ali a observância do tabelamento não tem uma vigência efetiva como na capital onde existe uma fiscalização mais ativa.

A escassês do produto nesses últimos meses determinou a participação em nosso abastecimento do produto das mais variadas procedências. Tivemos assim no nosso mercado, feijão “prêto” do Rio Grande do Sul e Sta. Catarina; em agosto começaram as entradas de feijão “fradinho” ou “macassar” do Maranhão, Paraíba e Pernambuco; “mulatinho”, de Pernambuco, Alagôas, Sergipe e principalmente da Bahia. Foram grandes as entradas do produto do Norte, sendo que a maior quantidade recebida foi a variedade “mulatinho”. O êxito da

(1) Veja “Agricultura em São Paulo”, maio, 1962.

safra do Norte veio auxiliar eficazmente o nosso abastecimento, e evitou que os preços aqui fossem muito além. Essa situação bem como a proximidade da nova colheita, já determinaram um arrefecimento nos preços, sendo que os do "roxão" que chegara a 12 000 cruzeiros por saca, alcançava em início de setembro quando muito 10 000 por saca (e isso dada sua grande aceitação pelo consumidor

paulistano que o prefere, mesmo bem mais caro, às outras variedades). De outro lado, o "prêto" que é oferecido do Rio Grande do Sul e Santa Catarina não tem encontrado compradores.

Repetindo-se o ocorrido em 1960, os elevadíssimos preços para o produto no ano em curso e o preço mínimo garantido pelo Governo serviram de grande estímulo para os produtores que

QUADRO I

*Preços médios recebidos pelos lavradores do Estado de São Paulo
Feijão — Cr\$ 60 kg.*

ANOS MESES	NO INTERIOR		NA CAPITAL			
	<i>Preços médios recebidos pelos lavradores</i>	<i>Bico de Ouro Especial</i>	<i>Chumbinho Especial</i>	<i>Jalo Especial</i>	<i>Roxinho Especial</i>	<i>Opa-quinho Especial</i>
1961						
Janeiro	1 430	1 500	1 592	1 791	1 734	2 006
Fevereiro	1 240	—	1 213	1 570	1 506	7 971
Março	1 190	1 055	1 104	1 275	1 325	1 792
Abril	1 220	—	1 521	1 533	1 548	1 782
Maió	1 410	—	1 480	1 665	1 487	1 869
Junho	1 250	1 264	1 318	1 436	1 511	1 847
Julho	1 150	1 250	1 347	1 420	1 526	1 948
Agosto	1 350	1 994	1 925	2 369	2 048	2 204
Setembro	2 290	2 096	2 326	2 874	2 855	2 727
Outubro	2 710	2 364	2 645	2 834	2 833	3 308
Novembro	2 790	2 402	2 554	2 681	2 900	3 283
Dezembro	2 860	2 450	2 574	2 600	2 990	3 518
1962						
Janeiro	3 010	3 165	3 414	3 634	3 433	4 514
Fevereiro	3 190	2 931	3 596	3 490	3 701	4 146
Março	3 580	tabela	3 615	3 400	tabela	tabela
Abril	6 180	"	tabela	tabela	"	"
Maió	6 820	"	"	"	"	"
Junho	6 730	"	"	"	"	"
Julho	6 570	"	"	"	"	"
Agosto	8 440	"	"	"	"	"
Setembro	9 960	"	"	"	"	"

FONTES: Interior — Divisão de Economia Rural.
Capital — Bôlsa de Cereais de São Paulo.

(2) Veja dados à pág.....

ampliaram de muito suas áreas de cultura e mesmo zonas do Estado que nunca plantaram feijão, êste ano o fizeram. Assim, pela previsão preliminar já levantada²⁾ temos uma área de plantio de 116 000 alqueires. Essa área é maior 65,7% que a coberta com a cultura no período “das águas” da safra 1961/62. Calculando-se ao rendimento médio dos últimos 10 anos, igual 17,1 sacos de 60 kg por alqueire, obteremos 1,98 milhões de sacas, se concretizadas as intenções de plantio, pois a época do levantamento citado ainda havia parte da área por plantar.

No Norte do Paraná, os cafeicultores voltaram a permitir o plantio de cereais — inclusive o feijão — nas ruas do café, o

que concorreu para um aumento considerável da área dessas culturas. No mesmo sentido colabora a nova diretriz do Banco do Brasil exigindo que um terço da área financiada para café seja coberta com culturas de subsistência (feijão, arroz e milho).

Em todo caso a safra das “águas” que é no norte do Paraná chamada “safrinha” — vez que sua grande safra é a “da sêca” — promete ser grande, pois algumas zonas tiveram aumentadas de 100% suas áreas de cultura da leguminosa. As perspectivas são de excelente safra, superior mesmo à de 1960, caso as condições climáticas não mudem o rumo das cousas.

A R R O Z

Os preços de arroz mantiveram-se em elevação nos últimos meses, seguindo a tendência verificada desde setembro de 1961 e pelas causas já apontadas em comentário anterior.^(*) É o que se verifica no quadro II, que a partir de abril apenas traz os preços no interior, onde nos foi possível acompanhar a evolução dos mesmos. Na Capital, o tabelamento incompatível com os preços nas fontes de produção criou o comércio ilegal do produto, verificando-se as vendas por cotações superiores às da tabela e mesmo do seu valor real, pelas causas já ventiladas quanto ao feijão: maiores custos de comerciali-

zação e maiores margens exigidas pelos intermediários que se aventuraram em tal comércio.

Não só no interior de S. Paulo, como em Goiás e Minas, tradicionais fontes do produto preferido no nosso mercado, os preços são hoje muito superiores aos tabelados. Apesar disso e embora vendido aos consumidores a preços acima da tabela, vinha o mercado sendo abastecido com relativa normalidade.

Determinações tomadas pela COAP, de requisições dos estoques e intensificação da fiscalização, provocaram distúrbios no abastecimento e paralização de novas compras naqueles mercados, ficando o suprimento

(*) “Agricultura em São Paulo”, maio, 1962.

QUADRO II

*Cotações médias do arroz no Estado de São Paulo
Cr\$ por saca de 60 kg.*

ANOS MESES	NO INTERIOR		NA CAPITAL		
	Em casca	Bene- ficiado	Grãos curtos	Grãos médios	Grãos longos
1961					
Janeiro	957	1 540	1 627	1 528	1 585
Fevereiro	916	1 460	1 530	1 400	1 595
Março	889	1 470	1 482	1 415	1 592
Abril	942	1 500	1 738	1 604	1 678
Maió	956	1 550	1 792	1 464	1 672
Junho	931	1 530	1 765	1 620	1 612
Julho	907	1 510	1 775	1 500	1 654
Agosto	957	1 530	1 915	1 850	1 755
Setembro	1 060	1 710	1 880	1 960	1 892
Outubro	1 270	1 950	2 050	2 076	2 300
Novembro	1 410	2 290	2 231	2 319	2 680
Dezembro	1 710	3 050	2 621	2 864	3 519
1962					
Janeiro	2 200	3 630	2 781	3 192	3 308
Fevereiro	2 180	3 640	tabela	2 700	2 900
Março	2 160	3 620	"	2 701	—
Abril	2 240	3 690	"	2 700	2 900
Maió	2 670	4 170	"	tabela	tabela
Junho	2 820	4 410	"	"	"
Julho	2 890	4 400	"	"	"
Agosto	3 010	4 600	"	"	"
Setembro	3 470	5 310	"	"	"

FONTES: Interior — Divisão de Economia Rural.
Capital — Bólsa de Cereais de São Paulo.

de São Paulo a cargo do produto do Rio Grande do Sul, único com condições de ser aqui comercializado, graças ao subsídio que o Banco do Brasil, por determinação do Governo Federal, vem lhe pagando.

Contudo, as entradas do arroz gaúcho em São Paulo têm sido irregulares e insuficientes para suprir nossas necessidades. Por várias vezes tem sido proibida a saída do produto daquele Estado, voltando-se de-

pois a adotar fórmulas que até agora têm sido ineficazes. O "Esquema de Abastecimento de Emergência" estabelecido em agosto e pelo qual ao IRGA ficaria o encargo de abastecer o mercado do Rio e à Federação das Cooperativas o de São Paulo, não se concretizou.

Novo acórdo foi posteriormente firmado, pelo qual as empresas comerciais — em mãos de quem estão, na realidade, os estoques remanescentes da ordem de 3 000 000 de sacas — teriam

permissão para embarcar o produto para a Guanabara mediante a entrega de uma cota de 30 a 60% para o IRGA, compensando-se as quantidades já entregues na presente safra. A subvenção do Banco do Brasil seria estendida a essas empresas. Nêsse esquema caberia ao IRGA abastecer os mercados de São Paulo e Paranaá, deixando de embarcar para a Guanabara, após fazer naquele mercado um estoque de 300 000 sacas.

Mesmo a execução perfeita do citado acôrdo não solucionará satisfatoriamente o problema, pôsto que em São Paulo, parte dos consumidores tem preferência pelo arroz de Minas e Goiás, cujas características são diferentes do produto sulino, havendo pois conveniência

de continuarmos a receber o produto remanescente dos Estados Centrais. Isso, entretanto, como já foi citado, não poderá se concretizar nas bases do tabelamento vigente e pelo fato do produto dessas regiões não receber o subsídio do Banco do Brasil, concedido como priviêgio ao produto gaúcho.

Os preços do arroz em casca no interior de São Paulo, em Minas e em Goiás, situam-se, atualmente, no nível médio de Cr\$ 4 100,00 por saca de 60 quilos. Para colocar o produto beneficiado na Capital de São Paulo, teríamos as despesas abaixo, que não incluem ainda as margens de comercialização: lucros normais, juros, mão de obra, carroto, armazenamento, etc.

Cr\$ por saca

Arroz em casca (90 kg)	6 150
Saco vazio	120
Benefício	40
Imposto vendas e consignações na compra (5%)	307
Frete	200
Imposto de vendas e consignações na venda (4,8%) ..	295
Arroz beneficiado em São Paulo (60 kg)	7 112

Esses cálculos confirmam a desatualização dos preços tabelados. Outra confirmação dêsse fato são as pautas mínimas estabelecidas para o arroz em Mi-

nas Gerais e Goiás para efeito de cobrança do imposto de vendas e consignações, que são as seguintes:

Cr\$

Em casca superior	4 000
Em casca inferior	3 500
<i>Beneficiado: —</i>	
Separado extra	6 000
Separado inferior	5 500
Bica corrida	5 000
<i>Quebrados: —</i>	
3/4 de arroz	3 000
1/2 de arroz	2 500

Pelo Quadro III, relativo à preços de "Quebrados" de ar-

roz, verifica-se que êstes não têm preços tabelados e são co-

mercualizados livremente a preços bem superiores aos da tabela para o produto separado "extra". É mais uma incongruência do tabelamento.

Quanto à produção da próxima safra, as perspectivas são bastante favoráveis, pois o tempo tem sido propício à cultura. Os elevados preços que gozou o produto no corrente ano estimularam o plantio sensivelmente. Em São Paulo o aumento será de 37,5% sobre a área da safra passada, se concretizada a intenção de plantio⁽¹⁾ a qual, computando-se ao rendimento médio dos 10 últimos anos, nos permite esperar uma safra da ordem de 14 milhões de sacas. Em Goiás e Minas Gerais, também aumentou muito a área da

cultura. Nêste último, áreas que nos últimos anos lhe haviam sido subtraídas, voltaram a ser cultivadas com arroz. Embora a escassês do produto êste ano não fôsse determinada realmente senão por "crise de comercialização", espera-se na safra agrícola 1962/63 um suprimento bem maior do produto, o que forçará uma normalização no seu abastecimento.

O arroz precoce chamado "4 meses" plantado nas várzeas do Estado, começará a ser colhido em fins de janeiro, quando também deve iniciar a colheita em Santa Catarina. Em fevereiro, espera-se, começarão as entradas substanciais do produto novo no nosso mercado.

QUADRO III

Evolução dos preços de "Quebrados" de arroz no mercado de São Paulo — Cr\$ por saca de 60 kg. — 1962
— Médias —

	Julho		Agosto		Setembro	
	2. ^a Quinzena	1. ^a Quinzena	2. ^a Quinzena	1. ^a Quinzena	2. ^a Quinzena	
3/4	3 500/3 600	3 500/3 650	3 850/4 100	4 500/4 600	4 500/4 600	
1/2	2 800/3 000	3 000/3 150	3 450/3 550	3 800/3 900	3 800/4 000	
Quirera	2 000/2 200	2 100/2 200	2 300/2 450	2 600/2 800	2 800/3 000	

MILHO

Devido aos altos preços que gozou o produto a partir de outubro de 1961 até março de 1962 e com a atual garantia

dos preços mínimos estabelecidos pelo Governo Federal, para o produto da safra de 1962/63, os lavradores relutam até ago-

(1) Veja dados à página....

ra em vender o seu produto, o que tem mantido o mercado mais ou menos estável, como se verifica no Qaudro III, apesar de ter sido a última colheita, a maior já observada no Estado (36,9 milhões de sacas).

A safra foi "record" em todos os Estados produtores, sulinos e centrais. A nossa produção que grande parte ainda abarrota os depósitos e silos em todo o Estado, não provocou uma queda aviltante dos preços, devido a essa maior retenção dos produtores. Também, coadjuvada pelo fato do mercado não estar suficientemente abastecido no início da safra e pelo grande incremento que vem se notando no consumo interno dêsse cereal. Embora os grandes estoques remanescentes, alguns ainda esperam reação do mercado, quando menos, às bases do preço garantido para o produto da nova safra, em virtude da preferência que as indústrias dão ao milho velho.

O Paraná só agora começa a remeter o produto para Santa Catarina e Rio Grande do Sul, seus mercados costumeiros, pois êstes Estados tiveram também boa produção êste ano. São Paulo tem exportado ultimamente para os Estados do Rio e Guanabara.

Como no caso do feijão e arroz, verificou-se igualmente grande interesse no plantio do milho. Os bons preços alcançados e o nível satisfatório de garantia de preços, podem ser apontados como fatores que contribuíram para isso. Mesmo

grandes indústrias que têm no milho a sua matéria prima, concorreram no incremento à produção. Assim a "Refinações de Milho Brazil" tem efetuado contrato com agricultores, para adquirir o produto da próxima safra a Cr\$ 1 450,00 por saca de 60 quilos. Neste contrato apenas a firma está obrigada a receber a êsse preço, mas facultando ao produtor rescindí-lo, no caso que lhe convenha, no futuro.

Êsse interesse pelo plantio, aliado à tendência de evolução da produção agrícola, determinou que a grande procura de sementes híbridas verificada o ano passado se acentuasse êste ano, parecendo uma verdadeira "corrida", o que indica positivamente o desenvolvimento técnico da cultura. A Secretaria da Agricultura de São Paulo recebeu solicitações de vários outros Estados, que atendeu na medida do possível.

As disponibilidades das Companhias Produtoras particulares também esgotaram-se rapidamente, não logrando satisfazer mais que 60% dos pedidos. Houve especuladores que venderam no norte do Paraná cobrando preços extorsivos em relação aos de aquisição.

As perspectivas são de que a próxima colheita alcance em tórno de 47 milhões de sacas, atribuindo-se à área estimada de plantio⁽¹⁾ um rendimento médio igual ao obtido na safra anterior, convindo salientar que isso se concretizará se fôr efetivada a intenção de plantio da época em que foram coletados os dados.

(1) Dados da Secção de Previsão de Safras - página do presente Boletim.

QUADRO IV

*Cotações médias mensais do milho no Estado de São Paulo
Cr\$ por saca de 60 kg.*

ANOS MESES	NO INTERIOR	NA CAPITAL		
	Preços médios recebidos pelos lavradores	Grupo duro Amare- linho	Grupo misto Amarelo	Grupo mole Amarelão
1961				
Janeiro	445	588	572	583
Fevereiro	442	550	529	509
Março	444	561	547	518
Abril	482	—	608	595
Maió	495	—	640	—
Junho	483	—	580	570
Julho	481	580	568	560
Agosto	512	—	696	662
Setembro	681	—	801	779
Outubro	922	—	1 119	925
Novembro ...	1 090	—	1 249	1 239
Dezembro	1 310	1 600	1 532	1 502
1962				
Janeiro	1 430	—	1 734	1 579
Fevereiro	1 300	—	{ Novo 1 416 { Velho 1 589	{ Novo 1 385 { Velho 1 527
Março	1 220	—	1 484	1 350
Abril	951	1 287	1 139	1 134
Maió	984	—	1 194	—
Junho	979	—	1 181	1 158
Julho	994	—	1 234	1 160
Agosto	980	—	1 212	—
Setembro	1 020	—	1 222	—

FONTES: Interior — Divisão de Economia Rural.
Capital — Bôlsa de Cereais de São Paulo.